



Cantor e compositor, Ângelo Franco é representante atual e estudioso do estilo musical que influencia a construção da identidade da região

O canto que vem das Missões

Retratando a Guerra dos Sete Povos, troncos missioneiros trouxeram em versos as histórias dos excluídos, cujo legado persiste

PEDRO PEREIRA
Especial

É necessário um preâmbulo um tanto longo quanto interessante para explicar quem são os troncos missioneiros, expoentes da música nativista gaúcha.

Aqui vai: no fim do século 17, padres da Companhia de Jesus desembarcaram no Rio Grande do Sul para criar vilarejos onde adequariam os indígenas guaranis locais à cultura europeia. Nasceram as reduções jesuíticas no Brasil. Isso durou até 1750, quando o Tratado de Madri foi assinado, determinando que a região passasse ao domínio português, em troca da Colônia do Sacramento, no Uruguai, que passaria a ser espanhola.

Com a resistência tanto de padres quanto dos indígenas – que ali desenvolviam a agricultura, a

religião e a música, entre outras coisas –, uma verdadeira chacina se viu por aqueles pagos, conforme explica o historiador e pesquisador Valter Portalete. E foram necessários mais dois séculos para que os artistas do que veio a se tornar o *gaúcho*, em essência, retratassem o personagem guarani e denunciassem a situação de abandono a que foram submetidos depois da investida dos exércitos português e espanhol.

Noel Fabricio Borges do Canto da Silva foi o primeiro a fazer isto – e o fez com tanta entrega que personificou Noel Guarany (1941-1998). O interesse pelos povos originários da região das Missões ganhou outros três nomes de peso: Jayme Caetano Braun (1924-1999), Pedro Ortaça (o único ainda vivo) e Cenair Maicé (1947-1989). Juntos, são considerados os tron-

cos missioneiros. A classificação teve origem na produção de um disco em conjunto, idealizado pela gravadora USA Discos, no fim da década de 1980.

Quase 40 anos depois, o Rio Grande do Sul ainda reconhece nesses quatro artistas o cerne da cultura missioneira. Olhando para as Missões, eles explicam o mundo.

– Os quatro troncos fazem um canto missioneiro com letras recheadas de poesia. Aqui, na poesia, a gente faz uma diferenciação em relação aos demais – aponta o presidente da Estância da Poesia Crioula, Cândido Brasil.

Os troncos criaram um legado que ainda ecoa em todos os recantos do Estado e também mundo afora. O cantor e compositor Ângelo Franco (foto) é um dos representantes atuais da música missioneira que foram influen-

ciados pelo quarteto.

– A principal influência está na parte da opinião, além dos ritmos. Na minha obra, é muito presente a musicalidade indígena, os ritmos ternários, por causa do bombo, tambor tocado pelos indígenas – comenta.

Canto de Noel

Cria de São Luiz Gonzaga, foi nas andanças pela Argentina e pela América Latina que Noel descobriu a música sobre os indígenas. De tão afeiçoado, incorporou-os ao próprio nome. Teve contato com a obra de artistas como Mercedes Sosa e Atahualpa Yupanqui, que já falavam sobre os povos originários, mas na margem ocidental do Rio Uruguai.

Ao perceber que do lado de cá também havia *missiones*, e que não

eram cantadas, passou a falar do indígena gaúcho, do peão de estância, do negro jogado à margem da sociedade. Surgiu a música missioneira que ficaria marcada como a voz dos excluídos. Encontrou na obra do poeta Aureliano de Figueiredo Pinto muito do que gostaria de dizer em suas canções e musicou diversos de seus versos.

– O Noel dotou a música gaúcha de uma face índia que ela não tinha. O povo guarani tinha pendores para a música, para a arte, reproduziam com perfeição qualquer obra, mas não criavam. Não tinham maioridade artística, como não tiveram maioridade jurídica para se manter, mais tarde – observa o cantor e compositor João Sampaio, parceiro de estrada e de arte de Noel Guarany, autor do livro *A Música Missioneira Gaúcha: a Gênese, o Criador e a Criatura*.



O canto com identidade missioneira de **Ângelo Franco**

"Um cantor de identidade indígena por todos nós, aqui o fio da verdade na adaga que traz na voz". O verso do poeta Carlos Omar Villela Gomes foi escritor para definir Ângelo Franco, que canta as Missões e deixa claro o orgulho disso.

Em Santo Ângelo, a Capital das Missões, Ângelo é um dos artistas mais apreciados e queridos. Essa relação é fruto do Canto Missioneiro, festival que ele frequenta desde a primeira edição. E essa relação ficou ainda mais estreita com a conquista do primeiro lugar na fase geral, a terceira vitória. É ainda são mais quatro prêmios de melhor intérprete e outras tantas premiações em outras categorias.

Ângelo começou muito jovem na música, mas sempre apaixonado pelas coisas da sua terra, da história, da cultura e das lidas e causas do Povo da Tíngu, em Garruchos, onde se criou. E be-

bendo da vertente dos quatro troncos missioneiros forjou letras e músicas que caem no gosto de quem vive a mesma realidade.

Desde a década de 1990 é frequentador dos festivais, obtendo vitórias e participações marcantes com músicas que ficaram na memória do público. Já foi premiado em festivais como a Cofilha Nativista de Cruz Alta; Cario de Palmeira das Missões; Califórnia de Uruguai; Seara de Garibaldi; Sapicada de Lages; SC, além de ter se apresentado em eventos como os festivais de Cosquin e Malambo na Argentina; Festa de La Patria Gaucha, no Uruguai, e shows em Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Bahia e Maranhão. Sempre com a cruz missioneira como inspiração e proteção.

O primeiro trabalho gravado, "Cantos de um gaúcho brasileiro", já mostrou a que vinha aquele jovem missioneiro, de canto terri-



FOTOS FERNANDO DOMES/REPÚBLICA DE SANTO ÂNGELO

"Esta terra tem dono! Disse um índio do Rio Grande. Sou mescla desse entrevero, templado de terra e sangue". Ângelo Franco

inho e alma de rio. Essa identidade também é expressa em projetos como o grupo Buenas e Malas e no recente Siempre Juntos, junto dos parceiros Erlon Pêricles e Prisca Grecco.

IDENTIFICAÇÃO COM SANTO ÂNGELO

A respeito do carinho do povo santo-angelense, Ângelo diz que "hoje pode estar escrito na ancestralidade". Observa que muitos artistas qualificados passam por Santo Ângelo, muitos missionários, inclusive, mas a sua relação com o público é especial. "É visceral, sinto na hora que vou cantar. Não sei se é pelo jeito de ser, que bate com o da população, ou é espiritual. Teve um ano que cheguei a me apresentar 21 vezes em Santo Ângelo. É sinal de que as pessoas gostam e não enjoam".

CANTO MISSIONEIRO

A respeito do Canto Missioneiro, o cantor destaca que é o principal palco para as obras com temática missioneira, da geografia e formação local. "Conseguimos renovar esse estado de espírito criativo que o missionário carrega, de amor à terra e identidade própria. E em frente à Catedral fica ainda mais emocionante". Com relação à música vitoriosa deste ano, a música vencedora "Pela encilha do cavalo já se conhece o sujeito", trata de algo que os

antigos sempre guardaram, afirmando que o carinho da pessoa se conhece nos detalhes. "A maneira de encilhar o cavalo revela que tipo de gaúcho é, se é cuidadoso, minucioso. Pegamos essa analogia do quanto é importante fazer as coisas com carinho. Não é no preço dos apênsos que está o capricho, mas no cuidado que ele tem com as coisas. Pode ser a encilha mais simples, mas se vê que está bem cuidada e isso serve para a vida".

VALORIZAÇÃO DAS MISSÕES

Com sua identificação e amor pelas Missões, Ângelo Franco comenta que a comemoração dos 400 anos da chegada dos jesuítas, que ocorrerá em 2026, é uma oportunidade, para valorizar a arte regional. "Pode ser aberto um espaço cada vez maior para o artesanato, a música e a literatura. E Santo Ângelo deve ser o centro disso". E salienta que os artistas da região precisam estar inseridos nos atos comemorativos.

Defende que se abra espaço no setor educacional para a história missioneira. "É preciso aproveitar a data e ampliar o debate para trabalhar e regulamentar o estudo mais aprofundado dessa história nos currículos escolares. Tem que fazer com as pessoas se sintam cada vez mais essa história, a mais bonita, rica e antiga do Rio Grande do Sul".



"O mundo tem olhos grandes não deixa nada passar. Enxerga o que agente planta e o que deixa de plantar. Um dia o fruto da alma de cada um vai virar. Trazendo gosto à garganta conforme Deus ordena".
Ângelo Franco



Gestão de Performance
Faculdade Unintese

[melhoresresultados.com.br](https://www.melhoresresultados.com.br)



Se preparar para o mercado é uma coisa, prosperar nele é outra. Nossa **graduação** te ajuda com as duas

Informações:
atendimento@unintese.com.br
(55) 9 8404-8353



Inscreva-se agora!



O músico Pirisca Grecco lança o disco "Ilexlândia"

Antonia Grecco / Divulgação

Cada novo disco de Pirisca Grecco traz uma surpresa. Mas talvez este oitavo, *Ilexlândia*, criado durante a **pandemia**, seja o mais surpreendente de todos. Gaúcho sem seguir o padrão gauchesco, traz mesmo algo bem novo para quem se formou nos festivais nativistas (venceu três vezes a **Califórnia da Canção**) mas não pode ser considerado um iconoclasta.

Com a cuia de mate na mão, compondo “sob o céu do Pampa”, Pirisca canta para o Brasil com voz serena. Em *Cada Um* (parceria com Pedro Ribas e Erick Corrêa), que avança quase como um hino, ele propõe: “Vamo se abraçar, gurizada/ Tem que respeitar as diferenças”. Na verdade, todas as canções são marcantes, formando um consistente conjunto ideológico-musical.

LEIA MAIS





JUAREZ FONSECA



O músico Pirisca Grecco lança o disco "Ilexlândia"
Antonia Grecco / Divulgação

Cada novo disco de Pirisca Grecco traz uma surpresa. Mas talvez este oitavo, *Ilexlândia*, criado durante a **pandemia**, seja o mais surpreendente de todos. Gaúcho sem seguir o padrão gauchesco, traz mesmo algo bem novo para quem se formou nos festivais nativistas (venceu três vezes a **Califórnia da Canção**) mas não pode ser considerado um iconoclasta.

Com a cuia de mate na mão,
compondo “sob o céu do Pampa”,

Divulgação



Curriculo

O cantor e compositor Pirisca Grecco nasceu em 1971, junto com a Califórnia da Canção Nativa, na Cidade de Uruguaiana, fronteira com Argentina e Uruguai. Professor e aprendiz da ciência da Música, há 30 anos dedica-se a fazer arte, contribuindo com o cancioneiro gaúcho através do seu trabalho autoral, autêntico e criativo. Tem notável atuação nos Festivais de Música e Cinema do Sul do Brasil. Destaque para as três Calhandras de Ouro na Califórnia da Canção, também por três vezes venceu o Musicanto de Santa Rosa, a Coxilha Nativista de Cruz Alta, o Reponte da Canção de São Lourenço do Sul e o Canto Farroupilha do Alegrete. Ainda por duas vezes venceu, Um Canto Para Martin Fierro de Santana do Livramento e a Sapecada de Lages Santa Catarina. Além de vencedor dos principais Festivais de Música do Estado como:

Carijó de Palmeira das Missões, Seara de Carazinho y o Canto Galponeiro de Passo Fundo, também premiado como Melhor Intérprete por cinco vezes na Califórnia da Canção e outras cinco na Sapecada de Lages/SC. Tem relevante contribuição junto as Invernadas Artísticas de Dança, sendo coreografado por mais de 50 entidades no Brasil todo. Em oito Álbuns lançados, conquistou oito Prêmios Açorianos, incluindo DVD do Ano 2016. Em 2017 e 2024 foi agraciado com o Troféu Vítor Matheus Teixeira como Compositor y Artista do Ano. Em 2024 lançou no

Theatro São Pedro seu mais novo álbum "ILEXLÂNDIA" com participações especiais de Humberto Gessinger, Thedy Corrêa, Luiz Marengo, Mauro Moraes, Victor Hugo, Tonho Crocco, Serginho Moah, Daniel Drexler, entre outros expoentes da música feita no Rio Grande do Sul.

Há 15 atua em turnês e festivais mantendo a mesma formação da sua banda, a Comparsa Elétrica, integrada por: Duca Duarte no contrabaixo elétrico, Rafa Bisogno na bateria, Paulinho Goulart no acordeon, Texo Cabral na flauta transversal e ainda o técnico de som Claubert Scholles. Com carteira de identidade Gaúcha e passaporte para rodar o mundo seu canto atravessou dois oceanos e ecoou por quatro continentes.

Neste começo de 2025 Pirisca já esteve em Festivais na Argentina y Uruguay. Atualmente está em estúdio gravando sua coletânea que celebra 25 anos nos Festivais.



ANGELO ~ FRANCO

Angelo Franco, missioneiro de São Luiz Gonzaga, é cantor, poeta e compositor com mais de quinhentas composições gravadas, além de participante assíduo dos festivais de música regional do país, nos quais já foi diversas vezes premiado (mais de cento e cinquenta premiações). Entre os concursos estão: Coxilha Nativista de Cruz Alta, Califórnia da Canção de Uruguaiana, Reponte de São Lourenço do Sul, Musicanto Sul-americano de Santa Rosa, Aldeia da música do Mercosul de Gravataí, Moenda da Canção de Santo Antonio da Patrulha, Festival da música Crioula de Santiago, Gauderiada da Canção de Rosário, Sapecada da Canção Nativa de Lages, Festival de músicas de Carnaval Aparício Silva Rillo de São Borja entre outros.

Franco destaca-se também, por suas participações em vários eventos culturais da América do Sul, como Fiesta de la Patria Gaucha no Uruguai, Festival de Cosquín, Festival Nacional de Malambo , Fiesta Nacional del Chamamé, estes na Argentina, além de encontros e amostragens da arte missioneira onde inclui-se também o Paraguai.

Possui três discos individuais, “Coplas de um Gaúcho Brasileiro”(Master 2000), “Eu sou Gaúcho” (Usa 2005) e De Onde Venho (Master 2010). Além dos discos solo possui um disco em parceria com o saudoso gênio do violão de sete cordas Arthur Bonilla, chamado “AA”; este trabalho, indicado a Melhor Disco no Prêmio Açorianos, foi recentemente lançado pela gravadora Minuano Discos. Também faz parte ainda, do Projeto Buenas e M’espalho, juntamente com Érlon Péricles, Shana Müller e Cristiano Quevedo, projeto vencedor dos prêmios açorianos de Música, como melhor disco regional nos anos de 2008 e 2011 com os discos “A Bombacha da Modernidade” (Master 2008) e “#buenas_2” (Acit 2011).

Angelo Franco acredita na arte autêntica, desde que com comprometimento e profissionalismo. “A autenticidade é a maior diferença entre os que são e os que tentam ser”.



RELEASE

Fabiana Lamaison

Cantora cruzaltense, prestes a completar 30 anos de carreira.

Foi vocalista em Bandas de renome como "Musical Faixa Nobre" da cidade de Santo Ângelo.

Em Eldorado do Sul firmou grande parceria com Renato Fagundes, fazendo shows em pubs e feiras da região metropolitana.

Produz jingles publicitários a 25 anos, deixando sua marca registrada em mais de 100 empresas além de, inúmeras campanhas eleitorais.

Recebeu o Prêmio Érico Veríssimo da Câmara de Vereadores de Cruz Alta, em reconhecimento ao seu trabalho sua arte e talento em contribuição ao fomento cultural de Cruz Alta e também contribuiu com seu talento para o Projeto "200 Anos, 200 Vozes" alusivo aos 200 anos de Cruz Alta.

Participou de vários festivais de músicas populares, carnavalescas e nativistas tendo sido consagrada Melhor intérprete no Festival de Músicas Carnavalescas de Santa Maria; 1º lugar na 30ª Coxilha Nativista com a música Há um jeito de ser do Sul na fase local e ainda Música mais popular da 41ª Coxilha com a obra "Entre o Lajeado e a Cruz" de sua autoria e Bárbara Lopes Moraes.

Em edições anteriores, integrou a Comissão Julgadora da Coxilha Piá e Coxilha Nativista.

Dona de uma voz potente e um timbre inconfundível, Fabiana atua em Cruz Alta e região, sendo referência para tantos outros cantores.



Nando Soares

Nando Soares é músico e compositor, residente e natural de Cruz Alta, nascido em 21 de Março de 1985. Foi integrante do grupo musical Os Paisanos, grupo este familiar, onde atuaram em todo o estado do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Brasil afora. Foi integrante e cofundador do grupo Bem Campeiro, atuando em shows bailes em CTGs, clubes e Festivais dos mais diversos. É integrante do Grupo que acompanha o Cantor Mano Lima, o Grupoo M'Bororé. Participou por vários anos de grupos musicais de invernadas de dança, atuando em Rodeios artísticos em todo o estado e também do Enart.

Nando Soares possui uma grande parceria de músicos onde atua em diversos Shows como Jorge Freitas, Valdomiro Maicá, Mano Lima, entre outros. Também marcou sua carreira a participação nos show de Renato Borghetti, no formato violão, percussão e voz, juntamente com Arthur Bonilla e Caco Pacheco, bem como no Show solo de Arthur Bonilla juntamente com os grandes músicos Samuca do Acordeon e Luiz Carlos Borges.

Também possui uma carreira longa em festivais nativistas, como compositor, músico instrumentista e intérprete. Seu primeiro festival nativista foi a 21ª Coxilha Nativista, onde interpretou aos 16 anos uma música de Horácio Côrtes. A partir disso participou dos principais festivais do estado e fora dele bem como O Canto de Luz de Ijuí, Moinho da Canção de Panambi, Guyanuba da Canção de Sapucaia do Sul, Tertúlia Musical Nativista de Santa Maria, Festival da música Crioula de Santiago, Carijo da Canção, Estância da Canção, Canto da terra dos Jerivás, Gauderiada da Canção Gaúcha, Musicanto, Reponte, Galponeira de Bagé, Canto Missioneiro de Santo Ângelo, Seara da Canção, Vigília da Canção, Convenção Nativista, entre outros, conquistando as principais premiações dos festivais. Seu prêmio mais recente foi o de Melhor Intérprete da Convenção Nativista de Júlio de Castilhos.

Especialmente na Coxilha Nativista, tem uma ligação muito forte, pois participou de todas as edições desde a primeira participação há 25 anos atrás.

Nando possui um trabalho em dupla com João Paulo Deckert, onde participam de festivais nativistas do estado e fora do estado, também atuando em shows e diversas apresentações musicais.

Junto com João Paulo, Nando conquistou a música mais popular da Coxilha do ano de 2019 e sagraram-se bi-campeões da Coxilha Nativista, conquistando o primeiro lugar nos anos de 2023 e 2024.